



ESTUDOS LITERÁRIOS:

ISSN: 1517-7238

Vol. 12 nº 23

2º Sem. 2011

p. 155-172

**TEMPO E CONFLITO EM VIAGEM AOS  
SEIOS DE DUÍLIA, DE ANÍBAL MACHADO**

**TIME AND CONFLICT IN VIAGEM AOS  
SEIOS DE DUÍLIA, BY ANÍBAL MACHADO**

Carine Daniele Franke<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Discente, em nível de mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na área de concentração Estudos Literários. Desenvolve estudos vinculados à linha de pesquisa *Literatura, comparatismo e crítica social*. E-mail: [ca.letas@yahoo.com.br](mailto:ca.letas@yahoo.com.br).

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo analisar de que modo os elementos formais do conto *Viagem aos seios de Duília*, de Aníbal Machado, convergem para a evidenciação do conflito instaurado no protagonista, e que se dá em função da tomada de consciência, por parte deste, do desajuste existente entre ele e o tempo presente. A degradação dos elementos espaciais faz vir à tona na narrativa a consciência acerca da irreversibilidade do tempo – fato que é vivenciado pelo protagonista como um conflito de ordem existencial, na medida em que lhe mostra o que este se recusa a enxergar: o enorme desajuste entre suas crenças e esperanças e a realidade concreta. A progressão inexorável do tempo em direção à total destruição de tudo o que é vivo torna-se para a personagem a tirania do tempo; em guerra contínua e constante com este, tentando negar seus efeitos implacáveis, a personagem encontra, no entanto, apenas sofrimento, angústia e derrota frente a essa empreitada ilusória. Nada pode perdurar: nem o homem, nem seus sonhos, nem suas esperanças, nem mesmo suas ilusões.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modernidade; implacabilidade do tempo; conflito existencial

**ABSTRACT:** This work aims to analyze how the formal elements of the tale *Viagem aos seios de Duília*, by Aníbal Machado, converges to the disclosure of conflict introduced inside the protagonist, that is because of his awareness of misfit between he and the present time. The degradation of spatial elements does be revealed in narrative the consciousness about the irreversibility of time – fact that is experienced by the protagonist as a conflict of existential order, insofar it shows him what he refuses to see: the huge misfit between their beliefs and expectations and the external reality. The inexorability of time progression toward the total destruction of everything that is alive becomes for the character the tyranny of time; in continuous and constant war with this, trying to deny their relentless effects, the character find, however, only suffering, anguish and defeat this illusory endeavor. Nothing can endure: neither the man nor his dreams, nor their hopes, not even their illusions.

**KEYWORDS:** Modernity; implacability of time; existential conflict

## INTRODUÇÃO

*“O ontem de um homem jamais será como o seu amanhã  
Nada pode perdurar, exceto a Mutabilidade”  
(PERCY BYSSHE SHELLEY)*

Muito se tem dito acerca da importância que o tempo adquiriu para a modernidade, de maneira geral, e para o século

XX, em especial. Embora para a cultura ocidental o tempo enquanto fenômeno sempre tenha sido envolto em relevada importância, é no século XX que essa preocupação começa a ser formulada de maneira mais central e consciente, já que a vida passa a ser compreendida como um contínuo vir-a-ser em constante estado de transformação.

Com efeito, é a partir do século XX, em especial, que mudanças significativas no modo de se pensar e conceber o tempo começaram a irromper socialmente, movidas pelo advento das novas disciplinas do campo do saber, tais como a sociologia, a antropologia e também a psicanálise. A emergência desses novos campos, associada certamente ao crescente e cada vez mais caótico ritmo de vida provocado pela modernização de todos os setores da sociedade, bem como a consciência da efemeridade de tudo quanto era considerado moderno, impulsionaram o indivíduo do século XX a abandonar qualquer resquício da antiga estabilidade social que pareceu reger os séculos anteriores.

É partindo desse cenário que Berman (1982), aproveitando-se da máxima "Tudo o que é sólido desmancha no ar", proferida por Marx em seu *Manifesto Comunista*, fala em modernidade como um modo de experiência vital - do tempo, do espaço, de si mesmo e dos outros - que caracteriza de maneira peculiar o turbilhão de transformações históricas, sociais, econômicas e culturais que vieram assolar o indivíduo daquele período e jogá-lo dentro de um sistema social absurdamente caótico e "flutuante". O indivíduo, não só cercado de fora pelas abruptas transformações objetivas da sociedade, desencadeadas diretamente pela força com que emergia e se estabilizava o mercado mundial capitalista, via-se então alarmado também pelas impressionantes transformações que se davam no âmbito dos valores individuais que afloravam sob todo esse impacto externo. Alterava-se o universo e a imagem que se fazia dele, e isso em decorrência fundamentalmente das novas condições sociais que começavam naquele momento a moldar a vida de milhões de pessoas.

É em meio a essa nova atmosfera, diz Berman, “de agitação e turbulência, aturdimiento psíquico e embriaguez, expansão das possibilidades de experiência e destruição das barreiras morais e dos compromissos pessoais, autoexpansão e autodesordem, fantasmas na rua e na alma” (BERMAN, 1986, p. 18), que nasce a sensibilidade moderna. A instauração de um novo horizonte, profundamente desenvolvido, modificado e dinâmico, possibilita que se abra margem a uma forma inédita de experiência humana, chamada hoje de experiência moderna, e que elege o fascínio e o terror como seus dois sentimentos mais característicos.

Envolta nas malhas de intensas conturbações, a produção literária desse período também não pôde se esquivar de ser afetada em sua medula. A desintegração total de toda e qualquer estabilidade social no século XX, associada à crise estrutural profunda do próprio núcleo familiar, diz-nos Mészáros (1993), representa para a criação artística a impossibilidade de qualquer “totalização épica”. Há um crescente esvaziamento de todas as estruturas sólidas que davam relativa sustentação à sociedade até então, e o sujeito isolado, em suas crises e conflitos internos, passa a ocupar o eixo central dessas novas produções literárias. O indivíduo volta-se para dentro de si mesmo, numa tentativa desesperada de se autoconhecer e conhecer sua posição no caos do mundo.

Tendo isso em vista, e principalmente levando em consideração que a ficção moderna trabalha predominantemente com a figura de heróis problemáticos em conflito com o mundo e com o seu tempo, este trabalho tem por objetivo analisar de que modo tempo e espaço convergem, em *Viagem aos seios de Duília*, de Aníbal Machado, para a evidenciação de uma das problemáticas mais características da modernidade: o conflito instaurado no indivíduo em função da consciência do desajuste existente entre ele e seu tempo presente.

## DOCE IDEALIDADE, CRUA REALIDADE: CONFLITO, FUGA E DESILUSÃO

Considerado um dos grandes contistas brasileiros, Aníbal Machado estreou na ficção em 1944 e, até o fim de sua vida, publicou apenas treze contos, entre eles *Viagem aos seios de Duília*, que data de 1959. Na avaliação dos críticos, *Viagem aos seios de Duília* não é apenas um dos maiores contos da literatura brasileira, mas merece figurar entre os melhores do conto universal.

Tendo como tema a transitoriedade da vida e a implacabilidade dos fenômenos do tempo, que a tudo corrói e transforma, *Viagem aos seios de Duília* narra a história de José Maria, funcionário público do Ministério do Rio de Janeiro que, após trinta e seis anos de Repartição, vê-se frente ao vácuo de sua existência, ao alcançar, depois de anos de alienação burocrática, a tão almejada aposentadoria. Diante de várias tentativas frustradas de reencontrar-se consigo mesmo, em meio a um tempo que há muito já não era mais o seu, o funcionário público aposentado decide, movido por lembranças provocadas por uma paisagem entrevista pela janela de sua casa, empreender uma viagem de retorno ao passado.

Deixando a casa no Rio de Janeiro aos cuidados da velha empregada, José Maria viaja até Pouso Triste, cidade do interior de Minas Gerais na qual viveu, em sua adolescência, uma experiência única, que nunca se apagou de sua memória: a visão de um dos seios da antiga namorada, Duília, durante uma procissão religiosa. Após longa viagem, José Maria reencontra sua Duília, ao mesmo tempo em que abdica de suas mais doces ilusões. Ao constatar que, em consequência do tempo, a Duília do presente nada mais tinha em comum com a jovem e bela namorada dos seus dezesseis anos, em um resto de tarde triste e chuvosa, é a própria alma de José Maria que escurece pelo peso da decepção. E mergulhando, em fuga, na escuridão da noite, abandona a antiga namorada aos prantos, deixando-a entregue à própria dor.

Focalizando o protagonista em um momento-limite de sua existência, o conto de Aníbal Machado elege a memória como móvel de todo o conflito. É a partir dela, e das imagens de um passado idealizado que José Maria carregava consigo, que a crise existencial da personagem, e o confronto consigo mesma, passam a ser desencadeados.

Com efeito, o conto todo é construído a partir de uma oscilação constante, para José Maria, entre o presente real e um passado ideal, que vão se alternando em sua mente e contribuindo de maneira efetiva para a agudização do processo conflitivo da personagem. Sentindo-se completamente solitário e infeliz em seu tempo presente, em decorrência dos longos anos de “uréia burocrática” que o destituíram de todo e qualquer “dom de viver” (MACHADO, 1986, p. 50-55), José Maria, em uma tentativa desesperada de unir-se a um tempo que há muito já não era mais o seu, decide empreender um esperançoso, porém frustrante, processo de fuga da crua realidade que o oprime.

Em busca de um passado sacralizado como ideal e eterno, a memória do protagonista atua a todo instante como uma verdadeira válvula de escape em relação a seu desajuste com o tempo presente, já que José Maria se mostra desde o início consciente do caráter meramente artificial de seu empreendimento:

Não ignorava o que havia de alucinatório nisso. Chegava a envergonhar-se. Como evitá-lo? E por que, se isso lhe fazia bem?

[...]

Disponível, sem jeito de viver no presente, compreendeu que despertara com muitos anos de atraso nos dias de hoje. Não encontraria mais os caminhos do futuro, nem havia mais futuro nenhum. Chegara ao fim da pista. [...]

Sentiu que sobrava. Impossível reatar relações com uma cidade irreconhecível [...]

Só lhe fazia bem desentranhar o passado (MACHADO, 1986, p. 56).

Já a partir desse fragmento inicial, é possível que se perceba, no íntimo da personagem, uma vontade deliberada de renegar a realidade que a oprime e a faz sentir-se deslocada, para se deixar levar, conscientemente, pelo “caráter alucinatório” de suas recordações e seus desejos mais recônditos. Esse movimento de fuga da realidade perpassa toda a trajetória geográfica e subjetiva da personagem, na medida em que José Maria recusa-se veementemente a enxergar os sinais daquilo que se interpõe à sua vista a todo o instante: é impossível recuperar um tempo que já se foi: restam-lhe só as lembranças.

Construída, pois, tendo por base um deslocamento geográfico empreendido por um sujeito em conflito com seu tempo e espaço, *Viagem aos seios de Duília* coloca-nos de imediato frente a um estranhamento que se mostra fulcral para o desenvolvimento da narrativa. Apesar de sustentar o enredo sobre um núcleo efetivo de ação, uma viagem, o que percebemos na narrativa enquanto discurso linguístico, a partir de um determinado momento, é a quase ausência de dinamicidade que a envolve. Embora a história do conto se passe em sete dias, a impressão que temos é de que, de determinado ponto em diante, a narrativa não flui, torna-se lenta, pesada, tendendo para o vagar.

A partir disso, poderíamos nos indagar acerca do motivo pelo qual, em dado momento, o tempo do discurso de *Viagem aos seios de Duília* parece demorar-se, diminuir a velocidade, não ter pressa alguma, por assim dizer. Em primeiro lugar, é preciso que se leve em consideração, de acordo com Eco (1994), o fato de que se algo importante está acontecendo, torna-se necessário que se imprima à narrativa um tom de maior vagar, que permita cultivar minuciosamente a arte da demora.

Com efeito, o retardamento que a narrativa sofre em relação ao seu fim torna-se de fundamental importância, à medida que possibilita colocar ênfase naquilo que realmente merece destaque: o processo de conflito e desajuste que está se dando no interior da personagem central. Nesse sentido, o

demorar-se do discurso vem ao encontro da necessidade que o contista tem de pôr em relevo o difícil movimento de aceitação da realidade, tal qual ela é, por parte do protagonista. É necessário à narrativa demorar-se para que possa demonstrar minuciosamente a angústia e o medo que tomaram conta de José Maria desde o início de sua empreitada, e que só fazem se acentuar à medida que mais próxima se torna a chegada à sua desilusão.

Esse retardamento do fim que percebemos na narrativa de Aníbal Machado consegue ser materializado no discurso a partir da utilização que se faz nele de seus elementos espaciais. Levando em consideração as reflexões de Barthes (1973) no que diz respeito à constituição estrutural da narrativa, percebemos no conto em questão a presença de muitos índices. Muito mais do que narrar, promover verdadeiramente o desenvolvimento da ação, o narrador lida especialmente com os níveis da informação e da sugestão. Todos os movimentos do conto, em termos de mudança espacial, adquirem importância muito mais pela sua funcionalidade enquanto sugestivos do fim catastrófico e criadores de uma atmosfera propícia ao tratamento da questão central, do que ao que diz respeito ao mover dinâmico da ação. Vejamos, pois, como o espaço de *Viagem aos seios de Duília* adquire funcionalidade, na medida em que trabalha não só a favor do retardamento do fim catastrófico, mas também como um indicador por excelência das evidências para as quais José Maria fecha a todo o instante seu olhar.

Já na cena de abertura do conto, quando José Maria se depara com a falta do que fazer em decorrência da aposentadoria, que interrompera “da noite para o dia o hábito de esperar o bondezinho, comprar o jornal, bebericar o café da manhã na Avenida, e instalar-se à mesa do Ministério, sisudo e calado, até às dezessete horas” (MACHADO, 1986, p. 50), é justamente o elemento espacial que desencadeia na personagem todo o conflito que move a narrativa. Com a estagnação súbita de um hábito diário alimentado anos a fio por uma vida monótona, sem saber o que fazer com a “liberdade” recém-

conquistada e tentando acercar-se novamente de uma natureza com a qual há muito já havia rompido elos, é a partir da visão de uma paisagem entrevista pela janela que os primeiros sinais de um conflito começam a se articular:

Que fazer agora?

[...]

Pela primeira vez fartava a vista no cenário de águas e montanhas que a bruma fundia.

Inúmeras vezes o fizera, mas sem perceber o Pão de Açúcar e a baía, as ilhas e os navios, o Corcovado e as praias do Atlântico, sempre se interpondo entre seus olhos e a paisagem uma reminiscência molesta, lembrança de antigo aborrecimento ou de contrariedades na repartição. [...]. Aposentado agora, continuava a ligar os diferentes aspectos da natureza a acontecimentos que a deformavam.

Com os 36 anos perdidos na Repartição teria perdido também o dom de viver? (MACHADO, 1986, p. 50).

Percebe-se que é a partir do olhar lançado sobre a paisagem, e da súbita tomada de consciência de que esta nada lhe dizia em termos perceptivos, que José Maria começa a se questionar a que ficara reduzida sua vida naqueles anos todos “perdidos” de alienação burocrática. O espaço desencadeia o conflito inicial, na medida em que faz a personagem dar-se conta de seu desajuste não só em relação ao seu tempo presente, mas principalmente em relação a si próprio. Afinal, quem havia sido durante todo esse tempo? Ainda sabia quem era?

Levado por esse “cair em si” inicial, e após inúmeras tentativas frustradas de adaptar-se a um tempo e espaço que não mais lhe pertenciam nem nada lhe diziam, é mais uma vez a visão da paisagem entrevista pela janela que funciona como móvel do conflito interior, já que faz aflorar à mente de José Maria as lembranças de um passado muito remoto:

Esse noivado tardio com a natureza fê-lo voltar às impressões da adolescência.

Duília!...

Toda vez que pensava nela, o longo e inexpressivo interregno do Ministério que chegava a confundir-se com a duração definitiva de sua própria vida, apagava-se-lhe da memória. O tempo contraía-se. Duília!... (MACHADO, 1986, p. 55).

A partir desse fragmento, podemos já perceber a força que o elemento espacial adquire na narrativa, pois atua diretamente nas lembranças de José Maria, ao evocar um tempo passado e distante, que aflora na personagem de maneira súbita a partir de sua tentativa de se reconectar à natureza. É somente a partir do conflito desencadeado pela visão das colinas da outra margem, que despertaram em José Maria a lembrança dos seios da antiga namorada, que um núcleo efetivo de ação surge na narrativa, fazendo com que o protagonista decida fugir do presente amargo de sua existência rumo ao doce passado de sua adolescência:

Passou a praticar com mais assiduidade a janela. Quanto mais o fazia, mais as colinas da outra margem lhe recordavam a presença corporal da moça. Às vezes chegava a dormir com a sensação de ter deixado a cabeça pousada no colo dela. As colinas se transformavam em seios de Duília. Espantava-se da metamorfose, mas se comprazia na evocação (MACHADO, 1986, p. 55).

Decidindo, pois, empreender uma viagem rumo ao sertão mineiro, em busca da Duília de suas recordações, José Maria nitidamente traça um percurso que é não somente espacial, mas que revela também a metamorfose subjetiva a que é submetido nesse ínterim de tempo. Com efeito, desde o início da narrativa, a intenção da personagem de reencontrar-se consigo mesma, de se autorredescobrir, é deixada às claras: “Os decênios de trabalho monótono, de ‘austeridade exemplar’ como dizia Adélia, forjaram-lhe uma máscara fria. Atrás dela se escondeu e de si mesmo se perdeu. Como fazer desaparecer-lhe os vestígios? Como se reencontrar?” (MACHADO, 1986, p. 51).

Nesse deslocamento geográfico, o espaço novamente

se apresenta em toda a sua funcionalidade, na medida em que vai desconstruindo gradativamente - e de maneira simbólica - a possibilidade de concretização das esperanças tolas e pueris de José Maria, em relação à tentativa de resgatar o tempo perdido e as imagens idealizadas que guardava dele. Os movimentos que o conto constrói, no que diz respeito às modificações espaciais, evidenciam de maneira muito lúcida não só características subjetivas da própria personagem, como todo o desenvolvimento do seu conflito, a maneira como lida com ele e o percurso esperança-desesperança empreendido por José Maria.

Ao sair de um ambiente urbano opressivo, mais propriamente da clausura de sua casa, que para ele simbolizava solidão e amargura, José Maria busca, ao adentrar a ruralidade do sertão mineiro, não só sua libertação enquanto ser humano, como seu próprio autodesvelamento. Nessa tentativa extrema de “abrir-se” a um mundo outro, o do passado, a personagem busca esperançosamente se reencontrar consigo mesmo através das lembranças que permaneceram na memória.

Durante todo o trajeto, no entanto, elementos espaciais indicadores do fim catastrófico colocam-se constantemente frente à personagem, funcionando na história não só como retardadores da chegada, mas também como uma espécie de aviso prévio acerca do caráter completamente ilusório de seu empreendimento. Já ao partir do Rio de Janeiro, devidamente instalado em um trem de luxo, José Maria apercebe-se de algo que pode ser caracterizado como o primeiro índice da futura decepção.

Mais do que a simples mostra de uma das tantas transformações ocorridas naqueles quase quarenta anos - o que já evidencia a implacabilidade dos fenômenos do tempo -, o “apito fanhoso da *Diesel* à hora da partida” (MACHADO, 1986, p. 58) já evoca toda uma atmosfera de mau prenúncio que percorre o conto todo dali em diante. “Mais mugido do que apito” (MACHADO, 1986, p. 58), o sinal de partida do trem incorpora, já no início da viagem empreendida pela personagem, o final desolador que a espera.

Da mesma forma, também a natureza que vai se apresentando a José Maria no decorrer do seu deslocamento geográfico pode ser compreendida como uma espécie de mau prenúncio. No conto, esta funciona, durante toda a viagem, como um aviso de que o melhor é não dar prosseguimento ao percurso: é o rio Paraúna que repentinamente se transforma do rio tranquilo que sempre foi em rio violento; é a lua minguante que em nada colabora para iluminar o percurso da noite; é o aguaceiro que subitamente pega desprevenido o viajante; é a lama que ao final faz com que a viagem que está sendo realizada nas costas de um burrico torne-se ainda mais lenta... A natureza parece querer evitar, de todas as formas, a chegada de José Maria a Pouso Triste, porém este, recusando-se a enxergar realmente o que vê, mantém-se firme em sua ilusão até o final. Podemos perceber no discurso narrativo do conto, desse modo, uma espécie de retardamento da chegada, que vai se acentuando na medida em que José Maria aproxima-se mais do local do seu passado.

Além disso, pode-se observar também em *Viagem aos seios de Duília* o evidente processo de redução, afunilamento e degradação a que os espaços vão sendo submetidos durante o percurso de José Maria. Quando decide empreender uma viagem de retorno ao passado, o protagonista parte de um grande centro urbano, de uma metrópole nacional (o Rio de Janeiro) rumo a Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais. Dali, dirige-se diretamente a Curvelo, boca do sertão mineiro, a partir de onde o espaço só tende a reduzir-se cada vez mais.

Tendo que atravessar rios e galgar serras, a cada etapa que avança, o acesso a Duília torna-se mais e mais penoso. Passando por Dumbá e pelo arraial do Camilinho, ao chegar a Pouso Triste, José Maria encontra-se numa ínfima cidadezinha do sertão de Minas Gerais. Esta, no entanto, encontra-se ainda menor do que aquela cuja imagem o protagonista trazia na memória. Inicialmente recordada como uma “cidade de montanha, pontilhada de igrejas” (MACHADO, 1986, p. 53), Pouso Triste vai adquirindo com o desenrolar da ação

denominações outras. De “cidadezinha” passa a “burgo”, depois a “povoado” e, finalmente, recebe a denominação de “arraial”: “Olhou confrangido. Era então aquilo!... E a cidade? Trazia na memória a visão de uma cidade: surgiu-lhe um arraial!... Pobre e inaceitável burgo, todo triste e molhado de chuva!...” (MACHADO, 1986, p. 65).

Do mesmo modo, podemos interpretar os meios de transporte dos quais o protagonista se serve para realizar sua viagem. Quando saiu do Rio de Janeiro, José Maria encontrava-se em um trem de luxo. A partir de então, até Curvelo, o meio de transporte passa a ser uma simples “jardineira”, um ônibus. Da boca do sertão em diante, a “jardineira” é abandonada e substituída por um burrico, o qual conduz José Maria até Monjolo. A modificação de tais meios de transporte no decorrer do percurso parece evidenciar também o gradual processo de retardamento da chegada de José Maria ao seu destino. Embora inconscientemente, o protagonista parece querer de qualquer maneira retardar e adiar o choque final, que, entretanto, sabe inevitável.

À medida que o espaço vai-se modificando na narrativa, e o acesso ao local do passado tornando-se cada vez mais difícil, um lento processo de degradação dos elementos espaciais naturais também vai ganhando força. Tal processo já começa a se fazer perceptível para José Maria desde sua chegada ao sertão mineiro; no entanto, é somente na etapa final de seu percurso que o protagonista começa a admitir, de maneira gradual, a impossibilidade de sua busca.

Já decepcionado com a visão catastrófica que tivera em relação a Pouso Triste, a personagem parte para Monjolo ainda com resquícios de esperança; entretanto, o local que suas lembranças haviam sacralizado não era caracterizado nem pela luminosidade, nem pela limpeza. Eis a visão inicial que a personagem tem da residência de Duília: “O letreiro ‘Escola Rural’ aparecia em tinta esmaecida. Uma casinha modesta, com chiqueiro no porão. A sala de espera [...] tanto servia à Escola como à residência nos fundos. As carteiras escolares estavam quebradas” (MACHADO, 1986, p. 67).

Tal fragmento evidencia de maneira notável a precariedade do local, que abrigava simultaneamente uma residência, uma escola e um chiqueiro, espaço esse denominado “mansão de miséria” (MACHADO, 1986, p. 69). Além disso, contribuem para o reforço de degradação do espaço outros índices narrativos, tais como o lamaçal no caminho da chegada, os urubus a arrastarem-se pelo chão, as carteiras escolares semidestruídas, o cinza sujo dos casebres em torno da escola, o cheiro fétido da lavagem dos porcos a confundir-se com o das goiabas maduras, a ausência de energia elétrica e, finalmente, a aparência catastrófica de Duília: cabelos grisalhos, dentes cariados e os seios - que constituíam o objeto de desejo do protagonista - completamente caídos e murchos.

Degradam-se, assim, não só o espaço, mas, juntamente com ele, todas as ilusões e esperanças que José Maria trazia consigo. Distorcendo e deturpando tudo aquilo que se lhe interpunha entre seus olhos e a imagem ideal que guardava de seu passado, o protagonista acabou empreitando uma tentativa desvairada e frustrada de ligar-se às suas mais reconfortantes ilusões.

Vemos assim que, em *Viagem aos seios de Duília*, o espaço, de maneira geral, pouco contribui para o desenrolar da ação. Sua importância reside na demonstração, por si só, da impossibilidade de se acreditar na obsessão do resgate do tempo perdido. A passagem do tempo, bem como o seu caráter contínuo e irreversível, são denunciados durante toda a narrativa pela modificação e degradação persistente e acentuada dos espaços.

Além disso, a mutação de tais locais evidencia também o percurso subjetivo e existencial da personagem, seu movimento retilíneo das esperanças utópicas de outrora às desilusões totais do presente. Desse modo, o espaço adquire funcionalidade no conto, na medida em que não só situa geograficamente o desenrolar de uma ação, mas revela pouco a pouco os processos psicológicos pelos quais passa a personagem José Maria. É a forma como o espaço vai se desconstruindo no decorrer da narrativa que demonstra,

paralelamente, os meandros da subjetividade conflituosa do protagonista.

No conto de Aníbal Machado, o conflito da personagem José Maria diante dos fenômenos implacáveis do tempo é claramente evocado durante todo o seu deslocamento geográfico. Desde sua partida, no Rio de Janeiro, rumo à capital de Minas Gerais, essa tomada de consciência já aflora na personagem de maneira profundamente melancólica:

Estranhou o apito fanhoso da *Diesel* à hora da partida. Voz sem autoridade, mais mugido que apito. Tão diferente do grito lírico da locomotiva que há mais de quarenta anos o trouxera do interior. Entristeceu. Muita coisa haveria que encontrar pela frente, modificada pelo progresso: a locomotiva por exemplo; o trem de luxo em que viajava.

Seu desejo era refazer de volta, pelos meios de antigamente, o mesmo roteiro de outrora. Impossível. Estradas novas vieram substituir-se aos caminhos que levam ao passado. Com o coração inundado de reminiscências, preferia evitar Belo Horizonte. Receava que a visão da cidade nova viesse aumentar-lhe a sensação de envelhecimento pessoal (MACHADO, 1986, p. 58).

Assim, podemos afirmar que, durante todo o trajeto, o medo de José Maria o persegue, embora bem disfarçado pelas pueris esperanças a que este insistia em se agarrar. Apesar de demonstrar plena consciência dos poderes corrosivos do tempo sobre a vida humana - e os sinais disso se lhe apresentavam de maneira evidente durante todo o trajeto -, a personagem nega-se veementemente a admiti-los. Percebemos em José Maria, pois, o desejo consciente de ficar agarrado às suas lembranças. Nesse sentido, é somente de maneira gradual que a personagem vai apercebendo-se, durante seu percurso, daquilo que inicialmente tenta negar. E é apenas quando se encontra muito próximo à desilusão final que José Maria começa, por medo, a retardar seu encontro com o passado:

A viagem se arrastava sem o encantamento da que terminara na véspera. Não desejava que a decepção de Pouse Triste influísse na sua chegada a Duília.

Tudo agora parecia pior, o caminho mais estreito, mais aflitiva a ausência de claridade. Sentiu o deserto no coração. Sua alma deixou de viajar. Fez-lhe falta a presença muda de Soero. Fez parar o animal.

- Será que Duília... (MACHADO, 1986, p. 66).

É somente quando chega ao final da trajetória, após tantos elementos de retardamento, e reencontra a Duília do passado já completamente deteriorada pelo tempo, que José Maria admite efetivamente a impossibilidade de concretização de seu desejo: a recuperação do tempo que já se foi. Em busca da claridade de uma quase santa, a personagem acaba por deparar-se, no entanto, apenas com uma sombra, reles espectro do que a velha fora no passado:

José Maria suspirou fundo. Aquela mulher, flor de poesia, era agora aquilo! Fantasma da outra, ruína de Duília... Dona Duília... Dudu!

José Maria pousou o olhar no colo murcho, local do memorável acontecimento. Aquilo que ali estava poderia ser a mãe de Duília, da Duília que ele trazia na memória, jamais a própria. (MACHADO, 1986, p. 68)

É apenas ao defrontar-se forçosamente com a realidade que José Maria admite que esteve o tempo todo em busca de uma ilusão, pois a realidade em nada mais se ajustava ao ideal do passado que guardava dentro de si. O conflito do protagonista, nesse sentido, diz respeito justamente à sua incapacidade de enxergar a realidade como esta efetivamente se apresentava, tentando deturpá-la em favor de imagens idealizadas que nada mais condiziam com ela.

A busca extremamente desesperada por um ideal perdido deixa José Maria completamente cego para a realidade do mundo. Ao invés de enxergá-la e aceitá-la, a personagem insiste obsessivamente em negá-la: "Novamente lhe viera o

terrível presentimento. Como aceitar outra imagem dela senão a que guardara consigo: a namorada eterna, fixa? A imaginação delirante não cedia à evidência da razão” (MACHADO, 1986, p. 66).

A progressão inexorável do tempo em direção à total destruição de tudo o que é vivo torna-se, para José Maria, a tirania do tempo; em guerra contínua e constante com este, tentando negar seus efeitos implacáveis, a personagem encontra, entretanto, apenas sofrimento, angústia e derrota frente a essa empreitada ilusória. Nada pode perdurar, nem o próprio homem, nem seus sonhos, nem suas esperanças, nem mesmo suas ilusões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar que o conflito que atormenta José Maria do início ao fim do conto é enfatizado neste tanto por seus elementos espaciais como pelo manejo de suas coordenadas temporais. Na narrativa, o tempo deixa de colocar-se amigavelmente ao lado do homem e passa, ao contrário, a tornar-se motivo de ansiedade, desespero e sofrimento. Isso se deve basicamente à consciência que a modernidade traz à luz acerca da implacabilidade e irreversibilidade dos fenômenos do tempo. A direção do tempo, na experiência humana, é e sempre foi determinada como um fato inflexível e irredutível, na brevidade de nossos dias e na transitoriedade de nossa existência. O que muda em relação a esse fenômeno é que essa condição humana deixa, na modernidade, de ser vivida de maneira pacífica e passa a ser experienciada pelo sujeito na forma de um conflito.

Nesse sentido, em *Viagem aos seios de Duília*, tempo e espaço convergem para a criação da significação do conto. A degradação dos elementos espaciais faz vir à tona na narrativa a consciência acerca da irreversibilidade do tempo – fato que é vivenciado pelo protagonista como um conflito de ordem existencial, na medida em que lhe mostra o que este se recusa a enxergar: o enorme desajuste entre suas crenças e esperanças

e a realidade concreta. É esse desajuste entre ambos, entre homem e mundo, que gera e alimenta o conflito do sujeito moderno.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, Roland et. al. In: *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MACHADO, Aníbal. Viagem aos seios de Duília. In: \_\_\_\_\_. *Os melhores contos de Aníbal Machado*. São Paulo: Global, 1986.
- MÉSZÁROS, István. A alienação na literatura europeia. In: \_\_\_\_\_. *Filosofia, ideologia e ciência social*. São Paulo: Ensaio, 1993.